



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LANA CRISTINA DINIZ MIRANDA

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-681

Entrevistada: Lana Cristina Diniz Miranda

Nascimento: 04/01/1982

Local da entrevista: Brasília

Entrevistadoras: Silvana Goellner e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 08/04/2016

Transcrição: Rodrigo Augusto Mazzeo Bittencourt

Copidesque: Mayara Cristina Mendes Maia

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 44 minutos e 58 segundos

Páginas Digitadas: 23 páginas

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação no futebol; Transição para o futevôlei; Apoio da família; Cenário do futevôlei em Brasília; Participação em campeonatos mundiais e títulos; Futevôlei como esporte exibição nos Jogos Olímpicos em 2016.

Porto Alegre, 08 de abril de 2016. Entrevista com Lana Diniz Miranda a cargo das pesquisadoras Silvana Goellner e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Lana, inicialmente gostaria de agradecer tua disponibilidade em conceder essa entrevista. Para nós do CEME é um prazer poder contar um pouco da tua trajetória.

L.M – Obrigada a vocês pela oportunidade!

P.J – Lana, eu queria que tu começasses contando um pouquinho para a gente como é que começou o teu envolvimento com o esporte, desde a tua infância, como é que começou este teu envolvimento com o futebol?

L.M – Então, é até interessante isso porque eu sempre joguei futebol. No colégio eu jogava, praticava desde criança mesmo. A paixão pelo futebol acho que a gente que é brasileiro, a gente já nasce com a bola nos pés (risos) e não foi diferente para mim. Eu sempre joguei futebol a minha infância inteira. Fui da seleção de vôlei no colégio e eu falo que aos 14 anos eu tive que tomar a decisão da minha vida: até um pouco nova, imatura, mas era porque eu jogava muito vôlei e já estava na seleção de futebol, de Brasília, já era federada, então eu tive que escolher, porque eu tinha treinos de segunda à segunda, tanto vôlei quanto futebol. Então eu não conseguiria, assim, comandar os dois, deixar os dois alinhados, fazer as duas participações. Então, foi até engraçado que eu fui nos meus pais e falei: “Pai, e agora?”. E foi interessante porque eles falaram: “Minha filha, é com você!”. Claro, minha mãe gostava mais do vôlei, meu pai gostava mais do futebol, tinha toda aquela... cada um puxava para um lado. Mas realmente a paixão pelo futebol predominou. Eu treinava salão, depois eu passei a jogar campo, fui da seleção, do Gama¹, joguei no Brasiliense², disputei três campeonatos brasileiros, né? Então tive participação com as

¹ Sociedade Esportiva do Gama.

² Brasiliense Futebol Clube.

meninas da seleção, tive algum contato bem assim, bem no começo mesmo. Até lembro, fui duas vezes à Uberlândia³ disputar campeonato brasileiro.

S.G – Você lembra que período foi esse, Lana?

L.M. – 1996.

S.G – 1996?

L.M. - Era Maizena, eu lembro. Eu lembro até hoje, assim, do patrocinador. A gente jogou no estádio João Havelange.

S.G – Você jogou no Pan-Americano? Você estava lá no Pan-Americano?

L.M – Não, Pan-Americano não.

S.G – Brasileiro.

L.M – Brasileiro, mesmo. Então a gente jogava pelo Iate Club⁴ nessa época, representando Brasília realmente. E eu era centroavante, gostava muito de fazer lançamentos, enfim. Logo quando eu voltei para Brasília, eu comecei no clube que eu era sócia, que meus pais... que eu fui criada, começou essa onda do futevôlei através de um cara do Rio de Janeiro que veio morar em Brasília e trouxe o futevôlei. Ele montou uma escolinha e o pessoal começou a praticar. Antes eram só homens, só que como eu tinha uns amigos, meus primos que faziam, eu comecei a fazer com eles.

S.G – E o clube, que clube é esse?

L.M – AABR⁵, aqui em Brasília mesmo e era com o Ricardinho⁶, que veio lá do Rio. Tinha um outro, que foi o professor Gabriel⁷, que realmente foi o que me ensinou, que me deu os

³ Município brasileiro do Estado de Minas Gerais.

⁴ Iate Clube Brasília

⁵ Associação Atlética Banco de Brasília

⁶ Técnico Ricardo Rocha.

primeiros passos, meus primeiros campeonatos eu joguei com ele e eu comecei a jogar futevôlei. E de repente, eu comecei a ver que começou a ter campeonato de futevôlei e eu comecei a me destacar muito pelo controle de bola que eu já tinha, por todo o contato com a bola, já tinha uma habilidade do futebol. E aí vieram os campeonatos de futevôlei. E eu me destaquei muito jogando futevôlei, comecei a viajar e ganhar meu próprio dinheiro com o futevôlei, coisa que o futebol não dava, a gente não tinha, a gente ralava muito. Sem falar que era muito preconceito naquela época, assim, não que hoje não tenha, mas diminuiu bastante e a gente encarou o preconceito de uma forma que a gente era muito prejudicada. Os próprios uniformes... a gente usava os uniformes que eram dos homens, né? Então, assim... e era tudo realmente voltado para o masculino. Então isso me distanciou um pouco do futebol. Um pouco não, isso me distanciou bastante. Aí eu fui fazer um teste no Fluminense. Eu fui ao Rio com o meu pai, para fazer um teste no Fluminense até. E aí a gente fez o teste nas Laranjeiras⁸. Só para você ter noção, o campo lá nem era grama, era campo de terra, então eu já percebi, já vi a dificuldade. Se em Brasília já tinha uma dificuldade, imagina no Rio de Janeiro?

S.G – Isso para o futebol?

L.M – Isso para o futebol. Então assim. Aí foi aonde o próprio meu pai também não gostou muito dos alojamentos, da estrutura. E aí foi até engraçado que no teste eu fiz um gol de cabeça, porque eu usava muito a cabeça já no futevôlei, comecei a adquirir uma força muito no pescoço, você vai adquirindo força no pescoço e tal, e aí eu comecei a treinar bastante e na área eu era “cabeção”. Até hoje o pessoal, a própria Tati⁹ falou, “Ah, cabeção”. O pessoal me chama de “cabeção”, das antigas, realmente porque na área eu detonava mesmo. E aí, enfim... eu voltei um pouco desanimada desse teste lá no Fluminense, porque jamais meu pai deixaria eu ficar lá até porque eu era muito nova.

P.J. – Que idade tu tinhas nessa época?

⁷ Gabriel Campos.

⁸ Bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro.

⁹ Tatiana Torres.

L.M – Nessa época eu estava com 14, de 13 para 14 anos, era muito nova. Não tinha condições mesmo. Então, eu comecei a jogar realmente futevôlei e no futevôlei, eu fui crescendo, eu fui crescendo, comecei a disputar campeonato, entrei para a confederação, comecei a me destacar e logo teve o primeiro mundial.

S.G – Deixa-me te perguntar: Aqui em Brasília tinha o movimento já do futevôlei, nesse momento começou a ter um movimento bem forte?

L.M – Já, isso, isso. Aqui em Brasília, eu digo para você que hoje, depois da corrida de rua, foi o esporte que mais cresceu em Brasília. Mas, depois eu volto a falar um pouco sobre como está o futevôlei na atualidade aqui e no Brasil... Naquela época, era só homens praticando. Eu comecei a jogar, muito novinha também, e os clubes começaram com as escolinhas. Então, quando teve o primeiro campeonato misto, antigamente a gente jogava misto, a mulher era quase uma coadjuvante, vamos dizer assim. O jogo era mais para o homem e a mulher ficava “levantando”, vamos dizer assim. E o primeiro campeonato misto reuniu muita gente, muita mulher. Por causa... Brasília tem esse clima de praia, esse pessoal... aqui atividade física é muito bem praticada em todos os ramos, então, assim, tem muitos atletas aqui em Brasília. Muitos atletas saem aqui de Brasília, de todas as modalidades. Então, a galera viu uma coisa diferente, que era futevôlei, que era coisa de praia, que era do Rio de Janeiro e começou a praticar. E o primeiro campeonato misto deu uma mulherada! A gente conseguiu juntar umas vinte e quatro duplas aqui, muita mulher jogando, então foi muito, muito legal. E a partir disso, as mulheres começaram a se inserir no esporte. E aí, todos os clubes começaram a aderir, a ter quadras de futevôlei, a fazer campeonatos, a incentivar... E isso foi crescendo. Logo a confederação de futevôlei cresceu tanto [risos] – inclusive, tem um professor de futevôlei aqui que está fazendo uma entrevista [risos ao fundo] sobre futevôlei, como começou. E esse aqui, esse aqui é o Felipe¹⁰, um dos precursores do futevôlei aqui em Brasília, Silvana.

S.G – Legal! Que ótimo. Uma hora vai ter que conversar com ele.

L.M – Então, a gente, ela, ela faz parte do movimento do futebol feminino sobre a inclusão da mulher no esporte.

¹⁰ Felipe Martins.

F.M. - Ah, legal. Não posso dizer que foi minha aluna porque já sabia muito.

L.M – Não, mas lógico...

F.M. - Fez umas aulinhas comigo...

L.M. – Só que aprendi muito... Eu aprendi muito não só fazendo as aulas dele, mas olhando porque ele foi um dos precursores... Ele foi um dos que trouxe o futevôlei aqui pra Brasília também, lá de, lá de Recife. Não só do Rio, né, como eu até salientei aqui, mas veio muita gente do Nordeste naquela época.

F.M. - Gente...

L.M: Vai lá, vai...

F.M. - Estou na correria aí...

L.M – Vai que eu termino aqui. Nos falamos. Tudo de bom Felipe!

S.G – Obrigado!

L.M – Aí, interessante! Olha só, que... cara, que coincidência... como é que pode? Acontece muito isso comigo, não tem jeito! E aí, voltando ao futevôlei e ao campeonato misto... a mulherada começou a crescer, começou a praticar, os clubes começaram a aderir, a confederação, o COI começou a exigir... não existe esporte misto para o COI¹¹, né?

S.G – Aham!

L.M – Então assim, eu cheguei a participar de dois brasileiros mistos. Um eu ganhei, o outro eu fiquei em segundo. E depois disso, para a confederação crescer, ela tinha que separar as mulheres dos homens. Isso até foi um, foi um... foi um susto assim para a gente

¹¹ Comitê Olímpico Internacional.

porque a gente jogava com os homens e, claro, o homem ele, a força física dele é totalmente diferente da mulher, né? Em todos os esportes a gente, a gente pode notar isso, tanto futebol, basquete, vôlei... a gente vê que, que a diferença... então assim, a gente deixou de ter do nosso lado um homem, uma coisa que corria vamos dizer, para a gente, e agora a gente passou a ter uma mulher que, cada um no seu quadrado: Você vai tomar conta do seu, que eu vou tomar conta do meu, porque eu não vou correr para você... porque eu não sou um homem que você... então demandou o quê? Da gente treinar bastante... e isso fez com que o futevôlei evoluísse, entendeu? Então assim... eu acho que é igual ao futebol feminino, que antigamente jogava-se com homem. A partir do momento que você tira o homem, a mulher tem que evoluir, tem que correr para elas, enfim... não tem mais a... então, o futevôlei aconteceu isso: A partir do momento que você tirou o homem do campeonato misto, feminino, as meninas começaram a evoluir. Falar: “oh eu vou ter que treinar para fazer o meu lado e você vai treinar para fazer o seu. Eu não vou fazer o seu lado”. Porque o homem às vezes, ele cobria. Ele deixava a mulher no quadradinho e ele corria a quadra inteira. E foi muito interessante, que aí a gente vê a evolução do esporte. E aí começou a ter os campeonatos femininos. Só femininos, né? Então aí eu comecei a jogar com uma parceira aqui de Brasília mesmo, a Marcinha¹², e a partir daí a gente começou a ir para todos os campeonatos femininos. No começo, poucas duplas. Eu lembro, a gente foi para campeonatos até com menos de 10 duplas. Oito duplas, né.

S.G – Vocês tinham patrocínio nesse período?

L.M – Não. A Confederação...

S.G – Ajuda da família, sobretudo?

L.M – Era, era “*paitrocínio*”¹³, né?

S.G – *Paitrocínio*?

¹² Márcia Negreiro. Dupla da Lana no Campeonato Brasileiro na categoria feminina, realizado pela primeira vez pela CBFv na cidade de Goiânia (GO).

¹³ Palavra que remete ao apoio financeiro oriundo dos próprios pais dos atletas.

L.M – Era *paitrocínio*, realmente é muito difícil um esporte que não seja o futebol aqui no Brasil. Que não seja o futebol masculino, né? Vamos dizer. Então, um esporte que era amador, que estava começando, assim... patrocínio, a gente tinha porque eu sempre corri muito atrás. Meus pais me deram total incentivo. Graças a Deus, eu tenho uma família assim, muito perfeita, que deixou que eu escolhesse, que realmente eu tomasse um rumo na minha vida. Então, eu corri muito atrás, eu comecei a fazer meus projetos e às vezes, eu não conseguia patrocínio, mas conseguia um apoio. Um apoio de um aqui, um apoio ali, então isso foi fazendo com que a gente lutasse cada dia mais e a Confederação também, junto com a gente. Aí eles conseguiram logo o Bolsa Atleta....

S.G – Ah, legal. Você conseguiu o Bolsa Atleta¹⁴?

L. M – Então, eu já tenho com o futevôlei. Eu parti para o futevôlei há 20 anos, mas faz 10 anos que eu recebo Bolsa Atleta. É um incentivo do governo que para a gente nesse momento é fundamental. É uma coisa ali que entra tipo por mês e dá para tirar algumas passagens, nossos treinadores, treinamento, parte da alimentação, então, isso é importante. A confederação consegue fazer os campeonatos através das prefeituras também com uma dificuldade, mas sempre teve muito respeito com os atletas e corre muito atrás também. Isso é importante para a gente. A gente tem premiações e com a evolução do esporte, conseguimos atingir nível mundial, né? Meu primeiro campeonato mundial realmente foi... a gente foi para os Estados Unidos, onde as atletas eram do futebol. Então, quando você chegar nos Estados Unidos que... até é engraçado, sabe? Chega o casal na praia, só que o homem fica e a mulher que vai para a areia. É interessante isso, porque quando eu vi isso, pelo primeiro impacto, eu me surpreendi, porque realmente no Brasil é ao contrário: as mulheres que vão acompanhar os homens, lá não. Então, achei muito interessante e fiquei assim maravilhada com a proporção que o futebol feminino é lá. As meninas, elas eram do futebol, inclusive as campeãs olímpicas estavam lá jogando futevôlei e muita gente em cima, toda aquela galera mesmo da mídia, todo mundo.

S. G – Que ano foi, Lana, tu lembra?

¹⁴ Programa social do Ministério do Esporte que visa patrocínio individual de esportistas.

L. M – 2004.

P. J – E foi o primeiro mundial realizado ou foi o primeiro que tu participaste?

L. M – Foi o primeiro realizado e foi o primeiro que eu participei. Então, eu tenho um histórico da confederação e assim, do feminino, né? Foram nove campeonatos mundiais e eu ganhei os nove. Eu estive presente nos nove. Então, assim, a gente começa a ver a evolução. Nossa! Naquele momento tinham poucas, eram poucos países que tinham. E eram as meninas do futebol. No outro ano que a gente voltou, as meninas já tinham evoluído. E não, elas não tinham largado o futebol. Mas faziam do futevôlei como treinamento. Porque fazem o futevôlei te dá um fortalecimento no tornozelo, você pega força na cabeça porque o piso é areia e você trabalha muito propriocepção, você trabalha muita força ali, então, você fica com joelho fortalecido, com tornozelo fortalecido e sem falar que o treinamento na areia, a parte física na areia é muita boa. O salto, o domínio de bola, a própria cabeçada... isso fez com que as meninas começassem a treinar o futevôlei como um treino do futebol. É isso que a gente faz com a clínica. A clínica Lana e Patricinha ¹⁵é isso. É levar o futevôlei para as meninas do futebol, como a gente fez no Barcelona, que eu te falei, mas como um treinamento. Para elas começarem a jogar aos poucos, começarem a gostar e foi assim que aconteceu até com a Gabi Zanotti¹⁶, ela fala isso.

S.G – Lana, diz uma coisa: Como foi ganhar o primeiro título mundial na terra do futebol feminino que é os Estados Unidos? Provavelmente, a expectativa é que ganhassem fossem as atletas americanas, não é?

L. M – Com certeza. A gente foi... eu fui com uma expectativa assim...

S. G – E vocês foram lá e...

L. M – E arrebatamos, verdade! A princípio, quando teve esse convite para a gente, eu não tinha dinheiro na época para ir. E a gente pensou na premiação. Pensamos assim: “Ou

¹⁵ Clínica de futevôlei para incentivo e ensino do esporte às mulheres.

¹⁶ Gabriela Maria Zanotti Demoner.

a gente ganha, ou a gente ganha”, a gente tinha que ganhar a premiação para voltar. Aí a minha parceira: “Tu arrisca?”, e eu falei: “Eu arrisco!” [risos] O meu pai ficou louco! Meu pai ficou louco! Ele falou assim, eu falei: “Pai, seu eu te ligar, cara, é para tu mandar uma grana para eu voltar, porque eu não consegui voltar”. Então, assim, a gente foi realmente na cara e na coragem. A gente foi para divulgar e para conhecer e para levar, realmente o futevôlei, falar que mulher também joga futevôlei lá fora, para mostrar o esporte para eles e eles ficaram encantados, a gente encheu a arena. O campeonato era de *Beach Soccer*¹⁷, não é? Então, antes da final do *beach soccer*, eles colocaram o futevôlei lá, a arena estava lotada e os americanos são fascinados né, com a bola... então, a gente fez umas gracinhas com a bola no ar e eles ficaram loucos. Realmente, a premiação foi para pagar a passagem e a gente tinha que ganhar. Então, a gente chegou lá com esse objetivo: Na terra do futebol, onde as meninas jogavam futebol, mas a gente tinha que falar assim: “Elas jogam muito, mas a gente tem que tem a malandragem do brasileiro, o gingado do futevôlei que elas não têm”. E realmente foi isso. A nossa experiência contou, nossa! É um pouco diferente do futebol, claro. O futevôlei tem todo um controle que é totalmente diferente do futebol. Não, não quer dizer que uma atleta de futebol vai ser um bom jogador de futevôlei. E às vezes, nem um bom jogador de futevôlei joga futebol.

S. G – Claro!

L. M – Então, são características diferentes, mas que a gente foi e deu tudo certo, graças a Deus. Se não, a gente estava lavando prato lá até hoje [risos].

S. G – Os cinco primeiros campeonatos, tu jogaste com a Marcinha?

L. M – Com a Marcinha, Sim! A gente voltou numa expectativa muito boa! A Marcinha é uma atleta de grande porte aqui de Brasília também do futebol e do futsal, então, muita gente conheceu ela aqui. Ela começou a estudar para concurso aqui, numa época e no último mundial que a gente foi jogar, foi em dois mil e nove, ela chegou no aeroporto e eu já estava no aeroporto... Era uma terça-feira. O mundial em Barcelona ia ser sexta, sábado e domingo. A gente chegou no aeroporto terça-feira e ela chegou chorando. E eu fiquei assustada, falei: “O que aconteceu?”. Ela: “A minha mãe foi internada com Câncer!”. A

¹⁷ Esporte conhecido no Brasil como Futebol de areia.

mãe dela com câncer na face! Eu me assustei na hora e ela: “Não, parceira, mas você vai hoje que quinta feira eu vou. Que eu dou um jeito de ir, tipo, na quinta feira. Hoje minha mãe foi internada, eu preciso...”. Eu falei: “Fica tranquila”. Foi nesse momento que ela falou: “Mas e se não der para eu ir, quem você quer que eu avise?”. Aí na hora a Patricinha veio. Eu já conhecia a Patricinha, a gente já tinha uma amizade e eu já tinha essa vontade... A Marcinha já estava um pouco meia *out*¹⁸ porque já estava estudando para concurso e eu já estava pensando em jogar alguma coisa... já tinha um contato com a Pati... sempre quando a gente se reunia em alguns campeonatos, a gente jogava... e na hora eu falei: “Patricinha”. E aí, a Marcinha realmente não conseguiu ir, a mãe dela foi hospitalizada, naquela correria e a Patricinha chegou lá.

S. G – Ela não foi para Barcelona, então?

L. M – É, e eu fui sozinha. E no congresso técnico, que foi sexta feira, para jogar sábado e domingo, eu ainda não sabia, porque naquela época, a gente só tinha internet, não tinha whatsapp, assim. A gente estava numa cidade que não era Barcelona, era Elvendreu, que era no litoral e eu não tinha acesso a computador, não sabia assim quem que vinha ainda, se era a Marcinha, se era a Pati, se alguém viria... então, eu fiquei meio... numa ansiedade, uma expectativa grande. As outras duplas já estavam lá e aí o pessoal começou a falar, “Ah, talvez ela não vai jogar, ela não vai entrar”, e aquilo foi me deixando um pouco agoniada, assim, ansiosa, e aí de repente, no congresso técnico, a Patricinha chegou. Caraca! Então... eu nunca tinha treinado com a Pati...

S. G – Então, isso que eu ia te perguntar. Como foi que vocês ganharam o campeonato assim?

L. M – Nunca tinha treinado com a Pati e a gente, foi uma coisa de Deus, assim, eu falo que foi uma coisa que casou tanto nosso jogo que hoje, inclusive a Patricinha mora no Rio, eu moro em Brasília, e a gente está há cinco anos juntas e essa é uma parceria que dá certo. Eu nem sei se a gente morasse junto se daria tão certo assim. É muito engraçado, porque... depois disso, fomos campeãs lá. A gente foi para a final com uma dupla até do Brasil e a Patricinha arrebentou! A gente jogou muito e voltamos com o título. Realmente, para a

¹⁸ Distante de treinos.

Marcinha não dava mais aquela temporada. Ela sentou comigo e falou: “Parceira, não dá mais, por causa da minha mãe” e a mãe dela veio a falecer naquele mesmo ano, no final do ano. Mas eu fechei a temporada com a Patricinha. Ela chegou para a outra parceira dela e falou: “Óh, a Lana me chamou para jogar e a gente foi campeã mundial e eu escolhi jogar com ela”. Então, a gente casou essa parceria que deu muito certo. Deu muito certo... hoje em dia a gente faz o treinamento via Whatsapp mesmo (risos). “Oh, fica no fundo que eu vou para o pingo”, essa coisa toda. A gente assiste muito vídeo, comenta bastante sobre as meninas, o campeonato, enfim... então, a gente consegue fechar essa parceria aí.

S.G – E desses nove campeonatos, qual que foi o mais difícil, assim, que vocês enfrentaram mais dificuldades? Seja pela dificuldade das adversárias ou por estrutura para participar.

L.M – Esse primeiro que eu fui com a Marcinha, tem um gostinho de... essa coisa de “a gente tem que ir para ganhar, porque senão, a gente não volta” e meu primeiro mundial... eu acho que esse teve uma coisinha... uma estrelinha que brilhou. Mas esse outro com a Pati também, sabe? É uma coisa que foi muito bacana, foi uma coisa que foi, assim, surpreendente. Foi uma surpresa muito grande a Pati ter chegado lá, e eu falei assim: “Não, eu vou participar!”, e de repente, a gente é campeã! Daí a gente voltou para o Brasil com aquela coisa: “Poxa, eu joguei pela primeira vez com uma parceira que eu nunca tinha jogada e fui campeã”, então... e foi uma coisa que deu certo e a gente batalhou para isso. E depois desses campeonatos, eu estive em Filipinas com a Pati e estive em Dubai... eu acho que Dubai foi um outro campeonato que marcou bastante porque um país onde a mulher também não tem vez, a gente chegou lá falando.... Eu nem sabia se a gente ia jogar de burca, se a gente ia ter que jogar com manga comprida... enfim... até levei, né? Porque vai que... Mas não, é uma cidade turística, então a gente jogou com as nossas roupas mesmo, uniforme. Mas foi bem diferente chegar num país onde a mulher não tem vez, realmente, e a gente colocar elas para jogarem. E elas assistirem e verem que a gente, mulher, participa do esporte principalmente, esporte que é mais acessível a homens, vamos dizer assim, e elas terem todo acesso para estarem jogando, para participarem, então, elas ficaram muito empolgadas. A gente fez uma clínica com elas, até porque a gente chegou antes. Apresentamos o esporte e tinham meninas não só lá de Dubai, mas tinham da França e da Espanha também. Então, foi muito bacana... elas conhecendo o esporte, conhecendo a

gente e jogando. Foi um lugar também, assim, privilegiado. Eu fiquei bastante impressionada com a cultura, porque lá, realmente, você chega num hotel, tem academia para o cara, para os homens. E para as mulheres? E se a mulher... se a gente está num elevador com um cara e parou em algum andar, ela não pode entrar, porque já tem mulher lá. E no trem, tem uns vagões destinados só para elas. Aquilo tudo me deixava, sabe, uma angústia, eu queria soltar uma bomba... os homens andavam na frente e as mulheres atrás... eu ficava louca! Eu falava: “Meu Deus, como é que, em pleno século XXI a gente nesse mundo ainda?”. Mas, assim, é cultura... a gente tinha que respeitar. Mas foi muito interessante a gente chegar e jogar lá. Então, foi um lugar também que me marcou e me chamou muita atenção.

S. G: - E os adversários? Seriam as americanas as mais fortes?

L. M – Sim, sim. É... as americanas sim por causa do futebol. Mas, lá na Espanha, em Barcelona inclusive, tem muitas brasileiras lá, jogando, entendeu? E em Portugal, tem meninas da capoeira e do próprio vôlei de quadra que jogam futevôlei. E hoje as meninas do Paraguai evoluíram muito! Paraguai aqui, na América do Sul. É... e a França... A gente foi em um campeonato em Filipinas e lá, eles têm um esporte que se chama Sepak Takraw¹⁹. Não sei se você... se você já conhece, né?

S. G – Já, já!

L. M – É uma bolinha de... que a rede... tem uma rede... Então a gente foi fazer uma apresentação. A gente foi chamada para jogar esse esporte. Então a confederação de Sepak Takraw do Brasil, o esporte que mais parecia com eles seria o futevôlei. Eles vieram até a gente: “Quem são as campeãs?” - Ah, Lana e Patricinha. Então eles entraram em contato com a gente. Eles entraram em contato com a gente e convidaram a gente para jogar. E a gente foi, foi na Tailândia. Isso foi em dois... dois mil e sete. Dois mil e sete ou dois mil e oito? É, dois mil e sete, na Tailândia, tá? Então a gente foi jogar esse Sepak Takraw lá, então muito interessante, a gente ficou em terceiro lugar. Até uma surpresa porque jogam

¹⁹ Desporto nativo do Sudeste Asiático, similar ao vôlei, mas no qual se utiliza uma bola específica feita de cana de bambu e os jogadores jogam com os pés e a cabeça para tocar a bola.

de tenis, é chão duro e a bolinha é totalmente diferente. Eles jogam fazendo aquelas... dando... artes marciais. É voadora, elas fazem um....

S. G – E as mulheres jogam também?

L. M – Jogam, jogam. São superinteressante. Depois até dá uma procurada no Sepak Takraw. Takraw mesmo, se você colocar Takraw... Eu tenho até um videozinho, vou mandar para você dar uma olhadinha, como é que a gente jogava. Então assim, a gente jogava como futevôlei. Então elas olhavam para gente e falavam: “O que essas meninas estão jogando?” porque elas atacavam com o pé, dando mortal...

S. G – Sim

L. M - E a gente podia subir de bloqueio.

S. G – Bloqueio, aham!

L. M - Só que quando a gente ia atacar...

S. G – Tu não tem essa...

L. M - A gente não tem a manha de dar mortal, a gente ia de cabeça.

S. G – De cabeça...

L. M – Só que quando eles subiam para o bloqueio, a gente tirava...

S. G – Aham

L. M – A gente ficava tirando de cabeça. Era fácil para a gente. A rede aqui... a rede era um metro e vinte, então elas subiam e a gente conseguia tirar a bola delas. Então elas ficaram assim... falavam: “Que esporte é essa que essas meninas estão jogando?” E no ano seguinte teve em Filipinas o Mundial.

S. G – Ah tá

L. M – E aí, então quer dizer, então as meninas se adaptaram para o futevôlei.

S. G – Se adaptaram para o futevôlei. Ah, que interessante!

L. M – E conseguiram jogar superbem. Hoje eu mantenho contato com elas e elas estão jogando, enfim.. muito legal! Aí tem uma federação lá... da Indonésia.

S. G – E agora para o mundial da Áustria, quem que tu acha que vai ser, assim, as adversárias mais fortes que vocês vão enfrentar?

L. M – Ah, com certeza... fora o Brasil, que vai as três duplas do ranking, né...

S. G – É... como que é? São ranqueadas as duplas?

L. M – São, são. É um ranking...

S. G – Vocês não são seleção brasileira, não é?

L. M – Não, a gente é campeonato brasileiro. A gente é campeonato brasileiro, então as três primeiras duplas do campeonato brasileiro...

S. G – De homens e de mulheres?

L. M – De homens e de mulheres que ao longo do circuito fizeram os pontos, são os convocados para o mundial.

S. G – Para o mundial.

L. M – Isso. Então aí, depois dessa seleção, dos três... dos três ranqueados, a gente vai os três melhores do Brasil, então aí... e a mesma, é a mesma coisa com os outros países. Eu

acredito que para esse ano, as meninas da Holanda. As meninas da Holanda do ano passado elas evoluíram muito também, porque são muito grandes... Elas parecem até modelos.. Loiras, todas loiras do olho claro... Então você olha, assim, e magras, altas... E elas são, assim, colocam a bola para o chão mesmo e são do futebol também. Então, o futevôlei tem muito isso, traz muita gente do futebol...

S. G – Do futebol...

L. M – É porque é o lance do contato, do controle de bola, muita gente do vôlei, do posicionamento do vôlei também ajuda bastante... Mas a meninas de... da Espanha estão bem. As meninas da Espanha jogam, assim, diariamente lá. Apesar que tem a época, né? São seis meses, tem a época do frio... Na Suíça, eles fazem o campeonato de futevôlei em pleno inverno, que o ginásio é aquecido. Então é muito legal. Ainda não participei não, mas quero ver se.. se esse ano, não sei como é que vai ser depois desse mundial, mas que eu, que eu consiga ir para ver, assistir o campeonato deles, que é... está nevando lá fora e lá dentro do ginásio a gente está de biquíni, suquini, jogando. Interessante! Então, acredito que para esse ano, as mais fortes são Holanda, Espanha e Estados Unidos. As paraguaias não sei se elas vão. Elas tem toda uma dificuldade para elas estarem... elas não tem apoio, é muito difícil, assim... as paraguaias... Mas, estão jogando bem.

S. G – E quando tu não tá no circuito de campeonatos internacionais, o que é que você faz? Aqui em Brasília...

L. M – Isso, aqui em Brasília

S. G – E aí tem um movimento grande, queria que tu falasse um pouco isso também, do futevôlei aqui em Brasília...

L. M – Sim

S. G – Que acho que é um polo importante

L. M – Com certeza! O futevôlei aqui, hoje, em Brasília, apesar de não ter praia, isso é uma coisa assim... é o que eu te falei: Brasília é a capital do esporte, aqui gira muita gente do... da parte da educação física, o pessoal que gosta da atividade física, então em Brasília, o parque da cidade é... na hora do almoço, é tudo muito cheio. Todo mundo sai do trabalho e vai para o parque. Ou para dar uma corrida, ou fazer sua atividade física, então Brasília tem esse celeiro e o futevôlei, hoje, aqui, depois da corrida de rua, como eu já falei, foi o esporte que mais cresceu. Então, nos parques... os clubes, a própria AABB, eu até cito a AABB, são cinco quadras de futevôlei. E são três de vôlei! No parque da cidade tem quatro quadras de futevôlei e tem uma de vôlei. Então, assim, o crescimento é muito... é muita gente saindo desse negócio de academia, fechado, sabe? Querendo pegar... E no futevôlei, cara, aquele clima de praia. O cara coloca uma sunga, a menina vai jogar de biquíni. É aquela coisa que você consegue pegar um sol, você está fazendo atividade física, ao ar livre, então isso dá uma diferenciada boa, assim, em relação a isso. Então, assim, muita gente procurando futevôlei, o movimento aqui em Brasília, tanto do masculino quanto do feminino, a gente tem bastante apoio, tanto da secretária de esportes, que é a Leila²⁰, que é uma grande... eu também, eu batalho muito, eu sou muito... Eu sou reconhecida e conhecida aqui em Brasília pelo futevôlei. Tenho muito apoio político aqui na Câmara Legislativa de tantos deputados, que eu consigo emenda para fazer os eventos, para correr atrás de fazer os projetos, de desenvolver os projetos de futevôlei e levar isso para as... para as escolas e para as... para as unidades mais carentes aqui do entorno do DF. Eu estou com um projeto lindíssimo aí... Então, assim, a gente faz esse movimento todo, que engloba secretaria, que engloba... então... E como o Ministério do Esporte também está aqui, eu consigo um acesso ao Ministro, ao próprio Ministério do Esporte, à própria Michael Jackson²¹ que também batalha pelo futebol feminino... eu também estou incluída não só pelo futevôlei aqui, mas eu faço parte do esporte de Brasília. Então, qualquer movimento que tenha, do futebol, a parte de olimpíada, a CPI do Futebol, eu faço parte da Frente Parlamentar do Esporte tanto no Senado quanto na Câmara, então eu faço...

S.G – Você tem uma inserção, já...

²⁰Leila Barros.

²¹Coordenadora do Ministério do Esporte.

L.M – Eu tenho, totalmente, totalmente. Então isso é importante. Isso... A minha visibilidade aqui, com relação ao esporte, com relação... Faço parte da REMIS, daquela rede do movimento social, também... Então, é assim, buscando e querendo crescer e querendo desvendar isso daí, porque a gente sabe que hoje para tirar um jovem da rua, das drogas, é só pelo esporte, não tem jeito. Para formar cidadãos, e hoje em dia a criminalidade e as drogas estão soltas, então, eu tenho projetos, assim... Esse ano, se Deus quiser, vou para o meu décimo título mundial. Várias pessoas perguntaram se eu penso em parar, se está bom, se é isso, se eu quero continuar com os meus projetos... Eu... Eu falo que eu estou com 34 anos, mas eu vou jogar enquanto eu tiver sangue... enquanto a adrenalina correr na veia aqui, enquanto der aquele frio na barriga, eu falo que toda vez que a gente entra em uma competição, dá aquele friozinho na barriga, mesmo tendo vários anos de esporte, mas eu falo...

S.G – De experiência...

L.M – É, de experiência, tudo... mas eu acho que o frio na barriga, enquanto houver... enquanto houver, é o que eu... é o que me sustenta para eu continuar no esporte. Então, assim, eu não penso em parar não, vou atrás do meu décimo título sim, estou treinando para isso, que vai ser em junho, 23 a 26 de junho, na Áustria e correndo atrás de.... De tudo para que o esporte cresça, para que o futevôlei cresça.

S.G – Lana, e como que tu enxerga a nova geração? Daqui a pouco... Lana hoje tem 34, daqui a pouco vai ter 44...

L.M – É verdade

S.G – Para a continuidade da modalidade e das novas meninas, você vê esse movimento de outras Lanas que possam aparecer por aí?

L.M – Sim, sim. Não, com certeza isso é um fato bastante interessante porque é o que eu estou plantando, é o que eu planto, é o que eu quero. Buscar realmente outras... outras atletas, outras, assim, outras Lanas, vamos dizer assim porque é o que a gente... é o que faz o esporte crescer. Então, a gente não adianta ficar só com... com a parte do esporte que

está ali fazendo a competição se você não tiver a base, se não tiver as crianças, os jovens.. então é isso que eu busco, onde eu levo para as clínicas, para as escolas, para as crianças... correr atrás realmente do sonho e principalmente do esporte, do futevôlei. A confederação hoje, a partir do ano passado, assim, teve já campeonatos sub 17, sub 15...

S.G – Ah, Legal!

L.M – Isso é muito interessante para trazer o jovem... para trazer o jovem para o mundo do futevôlei e começar a fazer com que ele se apaixone, para a gente ter, assim...

S.G – Ter continuidade, não é?

L.M – Ter continuidade, ter, com certeza, atletas e atletas...

S. G – Porque um dos grandes medos que a gente está vendo agora no futebol feminino é isso: Se aposenta essa geração, e cadê?

L.M – E aí? É...

S.G – P ara a continuidade do esporte...

L.M – Com certeza! E cadê? E cadê o incentivo?

S.G – Você não tem investimento de base, não é?

L.M – É, você não tem a base, como é que está a base, né? E a gente... a gente sabe... a gente sabe que... que a base é a base. Porque o que o Brasil mostrou para a gente aí em Copas passadas, na Copa passada foi realmente isso. Que... que falta base e a gente não tem isso, né? E eu digo a seleção brasileira de futebol masculino, não é? Que a gente não tem base, então assim: imagina o feminino, imagina outros esportes, como o futevôlei... Então as escolas hoje! Isso é uma coisa que... que isso foi falado mesmo, até em Câmara Legislativa, num projeto de lei para que seja feito dentro da escola, que a base seja ali, que formem atletas, que tenha Centros Olímpicos. Que os Centros Olímpicos sejam

revitalizados. Tem... aqui em Brasília a gente tem onze centros olímpicos, sendo que funcionam cinco. Então assim, em nível de estrutura, para formar atletas, a gente tirar realmente esse sonho que o atleta tem. Quando a gente... quando eu falo, na clínica mesmo, que eu falo que a gente... para as crianças que aquelas que nascem com o que eu nasci, que “pô, eu quero!”... quando eu nasci querendo ser atleta, eu não queria só ser atleta, eu queria ser uma campeã. Eu queria ser campeã do mundo! Eu sempre tive isso na minha cabeça. Então assim, por isso que eu acho que eu vim pelo... pelo futebol e quando eu vi que pelo futebol eu...

S.G – Não ia?

L. M – Que eu não ia conseguir, eu tentei de tudo e que eu vi que... que ia ser muito difícil, eu vim pelo futevôlei! Pelo futevôlei eu falei: “Eu quero ser campeã do Mundo, e é nesse esporte, então eu vou... Eu quero ser campeã do mundo.” Então, assim, quando você coloca uma coisa na cabeça, você vai e é isso que a gente tem que salientar na cabeça dos novos, da nova geração, do... Então, mas para fazer isso, a gente tem que ter um bom técnico. Eu falo que a culpa de eu estar aqui hoje foi porque eu tive um bom técnico, eu tive uma boa família, meus pais, um incentivo... porque, se não, a gente larga, não tem como. O mundo hoje, aqui fora é muito difícil. É muito difícil, tem... ele te chama para muitas outras coisas, então se você não tem um bom técnico, se você não tem um bom clube, uma boa estrutura, e eu acredito que eu tive isso por causa dos meus pais e realmente, pelo meu técnico que eu tenho hoje, então... então é isso que a gente tem que ter. Se a gente não tiver isso, não vai ter a base! Não vai ter com que essas pessoas não consigam... as crianças, vamos dizer assim, não consigam chegar a ser atleta, até querer aquilo. Porque quando você quer... eu, eu tive que... que... largar muita coisa. Eu deixei de ir em vários... quando eu era criança, jovem, eu deixei... eu lembro que, um lance, até uma coisa pequena, mas o lance do refrigerante, meu técnico que falou: “Oh, você quer ser uma atleta, você tem que parar de tomar refrigerante”, aquilo... e eu fiquei com aquilo na cabeça. E eu, assim, quando eu comecei a jogar, que foi meu primeiro campeonato, eu falei: “Cara, eu não tomo mais refrigerante!” E hoje faz vinte anos que eu não tomo refrigerante. Por quê? Porque eu tinha... eu lembro de eu ir em uma festinha de aniversário de amigas, assim, há quinze anos, e era só refrigerante naquela época, não tinha esse negócio de suco de caixinha e tal. Eu ia no banheiro! Na pia do banheiro, tomava água,

porque eu falava: “Eu não vou tomar refrigerante, porque meu técnico falou”. Então, essa coisa de criança, coisa de adolescente, quando você quer uma coisa você consegue.

S.G – De determinação, não é?

L. M – É, de determinação, eu dormia cedo, porque eu tinha jogo cedo no outro dia. Na época de adolescência, minhas amigas iam para festinhas, show, tal.. Eu falava: “Eu não vou, porque amanhã cedo eu tenho jogo”. E era até engraçado: meu técnico ia no show, para ver quem estava no show, para ele cortar no outro dia do jogo. Tinha isso! Tinha essas coisas, então assim... por isso que eu falo que a gente tem que ter um objetivo, um foco, uma coisa que determina, realmente, a criança, o adolescente ali, para a gente ter esse foco. Então eu, eu graças a Deus eu tive, mas não são todas as pessoas que tem, nem todas as crianças. Hoje em dia, o mundo globalizado, essa coisa de internet, de computador, está tomando conta demais. E as crianças estão se deixando levar muito por isso. Então hoje em dia você não joga mais bola na rua, você não tem mais... Então isso está... isso está desvirtualizando, realmente dificultando, eu digo o jovem e o adolescente a querer investir no esporte.

S.G – Lana, queria te perguntar ainda sobre a inserção, como demonstração, do futevôlei nos Jogos Olímpicos, que foi uma notícia recente.

L.M – Nossa!

S.G – Queria que tu falasse um pouquinho disso. Certamente, se tem um dedo seu lá, também, lá pela confederação...

L.M – Com certeza! Com certeza! Superfeliz! É uma coisa que... É, com certeza uma coisa que a gente almejava, assim, era um sonho, não é? Eu juro para você: eu não sabia se eu veria isso, para mim, os meus filhos, ou meus netos, eu não sei... Porque é uma coisa que a gente luta, isso... luta muito porque a gente quer que seja olímpico o futevôlei, então Graças a Deus, essa semana eu tive essa notícia maravilhosa. O Comitê Olímpico, o Nuzman...

S.G – Carlos Arthur Nuzman.

L.M – Carlos Nuzman, ele se reuniu com o Romário²², que é um grande atleta de futevôlei, foi um grande atleta de futebol, representante, acredito, do Brasil e agora senador, que vem grandes... grandes políticas públicas ali dentro do Senado, e para o esporte e para o futebol feminino também, eu acredito que o Romário tem uma visão excelente e, enfim, eles se reuniram, junto com o presidente da confederação e conseguimos sim uma apresentação do futevôlei na arena do vôlei de praia. Então, assim, é um histórico. Eu acredito que é um passo que a gente está dando, aí, bem grande para demonstrar o futevôlei, não só ali no Rio de Janeiro, para pessoas que já conhecem, mas para todos.

S.G – É um cenário de visibilidade imenso, não é?

L. M – De visibilidade do mundo.

S.G – Olímpico, não é?

L.M – Olímpico, enfim, do Planeta Terra. Então eu acredito que estará todo mundo aí e eu estou superfeliz. Vão ser oito duplas. Oito duplas no masculino e quatro duplas no feminino do Brasil e quatro de fora. Então, assim, acredito que... que eu estarei dentro sim, como representante do futevôlei, do Brasil e eu estou superfeliz, um orgulho mesmo.

S.G – Imagina se você, nove vezes campeã mundial não estará lá, quem estará?

L. M – É, não, com certeza. Com certeza! Então, assim, estou na ansiedade, expectativa grande, essas Olimpíadas aqui no Brasil. Uma coisa que vem para somar, eu espero que o Brasil possa superar toda essa crise, tudo o que está acontecendo, mas que o esporte faça... acho que só o esporte mesmo para mudar todo esse rumo político.

S.G – Tu tens um irmão só?

L. M – Sim. Eu e mais um irmão

²² Romário de Souza Faria.

S.G – E ele é atleta também?

L.M – É, ele é atleta também.

S.G – Do futevôlei?

L.M – É, jogador de futevôlei. “Bebeça”, Diego. Diego Miranda. Mais conhecido como “Bebeça” também. É um grande atleta, está entre os oito do Brasil, é um craque! É, hoje em dia, um dos maiores atacantes do mundo. Ele tem um potencial muito grande e a gente treina junto. Eu comecei jogando... eu lembro que eu ia...

S.G – Ele é mais velho que você ou mais novo?

L.M – Não, mais novo, mais novo. Dois anos mais novo. E eu lembro que eu entrava para jogar e ele ficava do lado de fora, olhando e começou a treinar. A gente começou a treinar junto e hoje em dia é um.... É meu técnico, é meu irmão, é meu parceiro, a gente conversa muito, a gente assiste vídeos em casa, a gente discute, a gente joga juntos, enfim... é um grande potencial e, assim, um orgulho também dentro de casa, porque aí...

S.G – Pois é, teu pai e tua mãe devem ser assim...

L.M – Café da manhã, almoço e janta futevôlei. Quero ter a oportunidade até de você conhecer lá a minha casa, a gente tem um cenário lá em casa, assim, tem uma sala de troféus...

S.G – Deve ser!

L.M – Meu pai é uma coisa... então tudo quanto é jornal ele prega na parede!

S.G – Jura? Que ótimo!

L.M – É uma coisa! Tem uma salinha lá do futevôlei, então ele.. ele guarda tudo, ele faz questão de guardar todos os troféus, todas as medalhas. Tem camisa, tem algumas camisas de competição, com a minha foto, então ele guarda também. Tudo, tudo voltado a futevôlei lá em casa, muito, muito legal!

S.G – Uma hora a gente precisa ir lá para fotografar esse material!

L.M – É verdade!

S.G – Lana, tem alguma coisa que a gente não perguntou, que tu quisesse falar? A gente vai voltar a conversar outras vezes, mas assim...

L.M – Quero agradecer a vocês, por essa oportunidade, de colocar a gente... o mundo do futevôlei, o feminino principalmente, que é sempre desvalorizado com relação ao masculino. A gente sofre o preconceito até hoje, assim, as premiações são mais baixas, a gente as vezes vai jogar na sexta feira porque os caras vão jogar no sábado, essas coisas acontecem. Mas, assim, a gente luta, a gente sabe que é uma luta realmente cotidiana que o esporte tem a crescer e valorizar realmente mais o futevôlei feminino.

[FINAL DA ENTREVISTA]